

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Série Sermões

Pr. João Soares da Fonseca

(jsofonseca@pibrj.org.br)

COMO LIDAR COM AS INJUSTIÇAS

1Pe 2.18-25

Um rabino de Nova York, Joseph Telushkin, escreveu um livro de meditações diárias para um ano inteiro. Na meditação do dia de número 143, ele menciona Billy Graham. Chama Billy Graham de **chasisd shoteh**, “piedoso bobo”, em hebraico. E diz por que pensa assim:

Em 1982, quando a União Soviética ainda era o “império do mal”, nas palavras de Ronald Reagan, com muitos crentes morrendo nas prisões comunistas por praticarem a sua fé, o evangelista Billy Graham visitou igrejas russas e lhes disse: “[Deus] dá a você o poder de ser um trabalhador melhor, um cidadão leal, porque Romanos 13 nos manda obedecer às autoridades. (...)”.

“Tenho grande respeito por outras atividades do Reverendo Graham, - prossegue o rabino - mas especialmente por causa da importância dele, a gafe que ele cometeu na União Soviética teve ampla repercussão. Como será que os opositores cristãos ao regime comunista na União Soviética se sentiram quando o mais famoso cristão da América lhes ensinou que Deus queria que eles obedecessem às suas iníquas autoridades?”¹

Provavelmente a reação do rabino seja um reflexo dos horrores do Holocausto. É de se perguntar, com razão, por que a Europa se imobilizou e ficou parada vendo os judeus sendo levados para o matadouro? Francamente, não há resposta fácil. O Holocausto continua sendo um enigma à espera de decifração, um nó indelimitável nos miolos de qualquer ser racional. Mas daí a chamar Billy Graham de bobo piedoso, vai enorme distância. Billy não fez mais que pregar a Palavra de Deus, que ensina isso mesmo em Romanos 13. Billy ensinou o que Jesus ensinou. Billy ensinou o que Pedro ensinou em 1Pedro 2.18-25, o nosso texto. Qual é a lição fundamental? Esta: a devolução da injustiça com outra injustiça é antibíblica. Por quê?

1. A devolução da injustiça com outra injustiça contraria a vontade de Deus

Nos versos 18-19, lemos:

“Servos, sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso; ¹⁹ porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus”.

Pedro se dirige aos “servos”, ou escravos, de fato, escravos incumbidos de serviços domésticos (oikétai) e lhes dá conselhos práticos. Inicialmente, é preciso ter em mente que a escravidão era uma realidade presente na vida das pessoas nos dias de Pedro. O

¹ TELUSHKIN, Joseph. *The Book of Jewish Values*. New York: Bell Tower, 2000, p. 205

comentarista **William Barclay** nos dá uma excelente descrição de como era essa escravidão:

“...No império romano havia algo em torno de 60 milhões de escravos. A escravidão teve início com as conquistas romanas, transformando-se os prisioneiros de guerras em escravos. No princípio, Roma dispunha de poucos escravos, mas já nos dias no Novo Testamento o número cresceu e se contavam aos milhões.

Os escravos não realizavam apenas as tarefas inferiores; os médicos, os professores, os músicos, os atores, os secretários, os mordomos... eram escravos. Na verdade, todo trabalho em Roma era feito era feito por eles. A atitude dos romanos era que não havia sentido em serem eles senhores do mundo e ainda ter que trabalhar. Que os escravos então fizessem isso, enquanto eles, os cidadãos se entregavam ao ócio...

Os escravos não podiam se casar; mas podiam procriar, sendo seus filhos, no entanto, propriedade do senhor, assim como os cordeiros gerados pelas ovelhas pertenciam ao dono do rebanho, e não às ovelhas.

Seria equivocado pensar que esse enorme contingente de escravos vivesse vida deplorável e infeliz. Nem sempre eram tratados com crueldade. Muitos escravos eram amados e considerados membros da família. Mas sempre com a consciência de que, perante a lei romana, um escravo não era uma pessoa, mas sim uma coisa. E, portanto, não tinha direito algum. Por essa razão, não se podia falar em justiça, quando o assunto fosse trato com um escravo. Aristóteles escreveu: ‘Não pode haver nem amizade nem justiça para com uma coisa inanimada. Nem para com um cavalo ou um boi, nem para com um escravo. O senhor e o escravo nada têm em comum; um escravo é uma ferramenta viva, assim como uma ferramenta é um escravo sem vida.’ Varro divide os instrumentos de agricultura em três classes: os articulados, os inarticulados e os mudos. Os ‘articulados’ são os escravos. Os ‘inarticulados’ formam o gado, e os ‘mudos’ são os veículos’. A única diferença entre um escravo e um animal ou uma carroça era que o escravo podia falar. Pedro Crisólogo resumiu assim a discussão: ‘Qualquer coisa que o senhor fizer ao escravo, imerecida ou iradamente, de propósito ou não, por esquecimento ou por intenção, com ou sem conhecimento, é justo e legal’. No concernente ao escravo, a vontade de seu senhor, ou mesmo o capricho do seu senhor, era a única lei”.²

Ora, nosso dia-a-dia não é recheado de escravos; não temos hoje senhores despóticos a nos maltratar como eles tinham. Então, que podemos aprender disso em pleno século 21?

Pedro ordena que o escravo crente seja obediente ao seu senhor, seja o senhor bom ou mau. Obedecer a um senhor bom, eu entendo, e até aceito, e até recomendo.

Mas e o mau? E o déspota arbitrário, tirano e dominador?

Eu achava que o cristianismo fosse uma religião a defender os explorados e oprimidos! – dirá alguém. E é mesmo. Então, como é que Pedro manda que os escravos se submetam aos seus senhores? Esse “...sede submissos...” não é uma humilhação? Não.

É prova de fé, é uma evidência de que já nos amoldamos à vontade de Deus e de que o Espírito de Deus habita em nós. Pode até parecer derrota, mas essa submissão será

² BARCLAY, William. *The Letters of James and Peter*. Philadelphia: The Westminster Press, [rev. ed], 1976. The Daily Study Bible Series, pp. 210-211.

transformada em vitória. Parece derrota, porque nossos olhos neste mundo não enxergam o todo, só a parte. Mas Deus, que vê o todo, resolverá o problema da injustiça sem criar outras injustiças. E por quê?

Porque Deus é justo (v. 23). Ele é um juiz que julga justamente; que não se equivoca em suas análises, preciso em suas ponderações, correto em nos corrigir.

Pedro fala de patrões ou senhores cruéis. A maldade do patrão não é razão para o empregado se rebelar. Deus está no controle, e Ele agirá.

2. A devolução da injustiça com outra injustiça contrária a nossa condição de salvos

“Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados (...) Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma” (vv. 20-21^a e v. 25).

Diante da injustiça, a ética não-cristã tem duas opções: *resignar-se* e sofrer, ou *revoltar-se* e derramar sangue como se fosse água. A ética divina, porém, é dotada de uma terceira arma que a incredulidade não conhece: a oração. O salmista disse-o muito bem: “*Continuarei a orar enquanto os perversos praticam maldade*” (Sl 141.5, RAB).

Foi em resposta a oração que Deus desceu e livrou os israelitas da mão de Faraó (Êx 3.7,8). No tempo dos juízes, ocorreu a mesma coisa (Jz 2.18).

Alguém já disse que a Inglaterra só não experimentou a mesma carnificina da Revolução Francesa porque havia nela, na Inglaterra, um homem de oração chamado John Wesley pregando o evangelho dia e noite. Deus é o Senhor da história.

Os crentes russos oravam, e o muro caiu sem guerra alguma. Ouviu bem, senhor rabino? A história provou que o conselho de Billy Graham era de Deus.

Os crentes chineses estão orando. Em breve (quem viver verá), o dragão chinês não terá mais fogo nem fôlego para sustentar a burocracia ditatorial daquele país.

Se Billy Graham tivesse insuflado o povo russo à rebelião armada, a história hoje seria outra, e certamente muito mais triste e ensangüentada. Jesus estava certo: “*Bem-aventurados os pacificadores...*” (Mt 5.9). O caminho da violência não é o caminho de Cristo. Quando Moisés resolveu resolver o problema dos hebreus a seu modo, à bruta, ele cometeu um homicídio e precisou viver um terço da sua vida sem voltar ao Egito.

Pedro diz: “Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo das vossas almas”. **Antes**, agíamos como todo mundo age: bateu, levou; provocou, vai ter. Era “*olho por olho, dente por dente*”... soco por soco, pancada por pancada, resposta malcriada para pergunta provocante. “Porém, vos convertestes...”, diz Pedro. Tanto **agora** é diferente que “*...se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe pão para comer. E se tiver sede, dá-lhe água para beber; porque assim lhe amontoarás brasas sobre a cabeça, e o Senhor te recompensará*” (Pv 25.21-22, VIBB).

Graças a Deus, a mensagem do evangelho é uma ameaça ao padrão pecaminoso de vida. Sem fazer guerra, sem derramar sangue, o evangelho fincou as bases para se começar a implodir o edifício da escravidão. Sem alarde, sem espalhafato, o cristianismo foi nivelando as pessoas aos pés da cruz. Tanto que na igreja, senhor e escravo sentavam-se lado a lado. Houve casos em que alguns escravos assumiram a própria liderança da igreja, como foi o caso de Calisto, um dos primeiros pastores de Roma. Uma jovem aristocrata chamada Felicitas (ou Felicidade) foi martirizada ao lado de outra cristã chamada Perpétua; mas Perpétua era escrava.

Foi para isso que fomos chamados por Deus. Mais à frente, Pedro diz: “Mas também se padecerdes por amor da justiça, bem-aventurados sereis” (1Pe 3.14^a, VIBB).

3. A devolução da injustiça com outra injustiça contraria o exemplo de Cristo

Pedro diz: “...pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, ²²o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; ²³pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, ²⁴carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados” (vv. 21b-24)

Quando um servo de Deus se torna um servo sofredor, ele está imitando o verdadeiro Servo Sofredor, que é Jesus, conforme descrito por Isaías (Is 53).

O seguidor de Jesus tem diante de si o desafio de absorver os maus tratos, de relevar as injustiças. É claro que não temos sangue de barata, mas temos o sangue de Cristo.

No capítulo seguinte, o apóstolo Pedro escreveu: “Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, ⁹não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança” (1Pe 3.8-9, RAB).

E olha quem está falando isso: Pedro. De todos os discípulos, Pedro era o mais insubmisso, o mais impetuoso. Pedro era instinto em estado bruto. Mas o mesmo Pedro, seguindo o exemplo de seu Mestre, trocou a espada de guerreiro pelo cajado de pastor, trocou a política da retaliação pelo espírito de resignação, trocou o discurso do agressor pelo do abençoador. Certa vez, um crente lá em Vitória, conhecido mais pela agressividade do que pela amabilidade, tentava justificar o seu comportamento belicoso apontando para o discípulo Pedro: “Sou que nem Pedro”, proclamava. “Não sou de levar desaforo pra casa”. Eu ouvi aquela argumentação, e não pude me calar. Lembrei a esse irmão as duas fases de Pedro. Sim, porque podemos falar de Pedro a.C. (Antes de Cristo) e Pedro d.C. (Depois de Cristo). Pedro *Pré* e Pedro *Pós*. Pedro mudou de time: deixou de ser bode agressivo para ser ovelha mansa. Ele passou a seguir o exemplo de seu Mestre, que disse:

“Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar nenhuma paga; será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo. Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus” (Lc 6.35, RAB).

Conclusão

Quando eu chegar ao céu, quero conhecer cinco irmãos em Cristo: Jim Elliot, Nate Saint, Roger Youderian, Ed McCully e Pete Fleming. A história deles está num dos livros missionários mais emocionantes que já li: “**Pelos Portões do Esplendor**”, de Elizabeth Elliot.³ É o relato de uma das maiores tragédias no campo missionário, que em janeiro de 2006 virou filme também (“*O Fim da Lança*”). Aconteceu no Equador.

Em 1956, esses cinco jovens eram recém-casados, começando a vida, as famílias e seus respectivos ministérios. Eles se uniram num objetivo: ganhar os Aucas para Cristo. Aucas? Quem eram eles?

Os Aucas, no interior do Equador, eram os indígenas mais agressivos da região. Na verdade, eles se autodenominavam huaoranis (*o povo*), mas os outros indígenas os chamavam Aucas, que na língua quíchua quer dizer *selvagem*. Se os próprios indígenas tinham medo deles, já dá uma idéia da ferocidade e da brutalidade do grupo. Tinham o mais alto índice de violência da face da terra: **60%**. Matavam estrangeiros, patrícios e bebês. Por medo, o morto não era enterrado sozinho, mas um filho vivo era enterrado junto.

Depois de várias tentativas preliminares de contato, que pareciam promissoras e bem-sucedidas, chegou o dia **8 de janeiro de 1956**. Os cinco missionários marcaram um encontro com os indígenas, às margens do rio Curaray, próximo à aldeia. Mas o que era sorriso e cordialidade se revelou ser uma armadilha fatal: os índios não apareceram. Ao invés disso, os cinco missionários foram literalmente atravessados pelas lanças afiadas pelo ódio que partiam de dentro da floresta. Seus corpos tombaram no rio. A tragédia virou manchete internacional na época. Será que vale à pena tentar salvar gente tão violenta? Muitos cristãos se perguntavam.

Passadas as primeiras emoções da crise, outros missionários voltaram. Algumas viúvas se mudaram para o interior da aldeia. E a luz do evangelho brilhou na floresta amazônica. O *povo* experimentou a graça de Deus. E o que aconteceu?

Os lobos huaoranis se tornaram ovelhas mansas. O número de assassinatos diminuiu drasticamente, em até 90%. Vidas e hábitos foram transformados. Um fato maravilhoso aconteceu: dois dos assassinos de 1956, Kimo e Dyuwi, se converteram, tornaram-se obreiros e eles batizaram depois dois filhos do missionário morto, Nate Saint.⁴

Deus é Senhor da história. Ele vê as injustiças, e Ele tem a capacidade de instrumentalizá-las para o bem de todos.

“O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados” (Rm 8.16-17).

³ Não sei se já foi publicado em português o livro *Through Gates of Splendor*.

⁴ Informações suplementares extraídas do site www.beyonthequestthemovie.com/waodoni.asp